

## CONCEITOS, TERMOS E LINGUAGES DA MUSEOLOGIA: NOVAS ABORDAGENS

### *CONCEPTS, TERMS AND LANGUAGES OF MUSEOLOGY: NEW APPROACHES*

Tereza Cristina Scheiner<sup>189</sup>

**Resumo:** Nas três últimas décadas pode-se compreender a Museologia simultaneamente como lugar de pensamento e instância narrativa. Como lugar de pensamento, ela é produto de um exercício teórico amplo e consistente, onde cabem todas as interfaces possíveis com os diferentes modos, instaurados pela ciência, pela filosofia e pela arte, de pensar o Real. Como instância narrativa, opera no fluxo dos interdiscursos, num movimento incessante de autoconstrução e reconstrução de sentidos, tanto do ponto de vista estético como do ponto de vista terminológico e documental. O presente trabalho explora essas tendências, buscando analisar alguns aspectos dos movimentos de conceptualização no âmbito da Museologia e as relações destes com a geração de termos considerados básicos para o campo, ressaltando, neste processo, a importância das linguagens de especialidade - já que são elas que organizam, no interior do campo e nas suas interfaces externas, as estruturas e movimentos simbólicos que o definem como tal. Como exemplo, apresenta alguns resultados de pesquisa desenvolvida, desde 2005, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio.

**Palavras-chave:** Museu. Museologia. Conceptualização. Termos e Conceitos. Linguagem Museológica.

**Abstract:** In the last three decades Museology has been apprehended simultaneously as a locus of thought and a narrative instance. As a locus of thought, it is the product of a wide and consistent theoretical exercise that encompasses all possible interfaces with the different approaches to reality developed by Science, Philosophy and Art. The present work explores such tendencies, trying to analyze some aspects of the movements of conceptualization within Museology as well as their relationships with the generation of terms that are considered basic to the field. In this process, the importance of specialized languages is highlighted - since they are responsible for the organization, in the field itself as well as to its external interfaces, of the symbolic structures and movements that define its identity as a disciplinary field. Some outcomes of a research, developed since 2005 at the Graduate Program in Museology and Heritage, are presented as example.

**Keywords:** Museum. Museology. Conceptualization. Terms and Concepts. Museological Language.

### 1 PARA INICIAR: PENSAMENTO CRÍTICO, MUSEOLOGIA E A CHAMADA 'MUSEOLOGIA CRÍTICA'

Uma das tendências que vem se ampliando nos últimos anos é a da abordagem dita 'crítica' da Museologia, fundamentada, ao que parece ser, numa perspectiva advinda do pensamento crítico na filosofia e nas ciências sociais.

---

<sup>189</sup> Museóloga, Geógrafa, Mestre e Doutora em Comunicação. Professora, Escola de Museologia, UNIRIO. Coordenadora, PPG-PMUS, UNIRIO/MAST. Vice-Presidente, ICOM

As análises desenvolvidas nesta via de reflexão, ainda que interessantes e pertinentes aos estudos teóricos do campo, trazem muitas vezes equívocos conceituais e de abordagem que podem contribuir para gerar, ou aumentar, mal entendidos sobre os temas abordados. O principal deles é acreditar, ainda, que o museu é apenas uma instituição – perspectiva já praticamente em desuso entre os autores do campo teórico da Museologia e refutada através das muitas idéias em contrário, apresentadas numa ampla e rica gama de trabalhos publicados por autores dos mais diversos países<sup>190</sup>. Outro equívoco é vincular a origem do Museu a um ‘templo das musas’ e a origem de um ‘museu moderno’ ou ‘museologia moderna’ às práticas renascentistas, desdobradas numa perspectiva patrimonialista que teria sua razão de ser no âmbito de uma sociedade essencialmente voltada para o capital. E finalmente, é também equivocado confundir Museu (fenômeno) com museus (manifestações do fenômeno); Museologia com prática em museus; e Museologia com narrativas sobre museus. E mesmo que a narrativa sobre os museus e a Museologia possa ter-se fundamentado, em algum momento do séc. 19, nas idéias positivistas, o pensamento teórico no campo já não mais compreende ou aceita como fundamento a relação de causa e efeito entre um ‘templo das musas’ e uma instituição museu voltada essencialmente ao acúmulo de objetos<sup>191</sup>.

Sabemos ser mais fácil identificar o Museu pela sua forma institucionalizada e pela presença de coleções, como vem sendo feito de forma hegemônica há alguns séculos. Mas tomar o todo por uma das partes constitui equívoco epistêmico, uma crença já não mais possível de sustentar no ambiente contemporâneo de pensamento, onde tudo é relativizado e percebido em processo. Ora, se o Museu é visto (como deve ser visto, hoje), mesmo que por um grupo de pesquisadores do campo, como fenômeno, fluxo, instância de encontro, evento, acontecimento, ele é mais amplo e livre do que se percebe, é todo potência – e como tal, tem uma força e um poder mobilizador que são intrínsecos a sua própria essência. Estariam corretos, portanto, aqueles que percebem o Museu como campo de disputas ou como instância de resistência. E mais ainda - assim percebido, o Museu é da ordem da comunicação, e não da acumulação; ele está em permanente movimento, qualquer seja o modo pelo qual se manifesta.

---

<sup>190</sup> Ver, entre outros, DELOCHE, B. (2000), DESVALLÉES, A. (1992, 1994), CURY, M.; MAIRESSE, F.; RANGEL, M.; RUSCONI, N. (1999); KLAUSEVITZ, W. (1980), SOARES, B. (2008), STRANSKY, Z. Z. (1974; 1976; 1979; 1980), ICOFOM LAM (1992).

<sup>191</sup> Ver SCHEINER, T. As Bases Teóricas do Museu e da Museologia. **ICOFOM STUDY SERIES** no. 31, 1999, 106-174; e **Apolo e Dioniso no Templo das Musas**. Museu: gênese, idéia e representações na cultura ocidental. Dissertação de Mestrado. RJ: ECO/UFRJ, 1998.

Imaginar a existência de uma cisão entre um museu ‘clássico’ e um ‘novo museu’ é, portanto, uma perspectiva que não se sustenta no âmbito da episteme contemporânea: são idéias que tiveram um espaço de manifestação no início da segunda metade do século 20, quando era importante fazer a crítica do *modus faciendi* capitalista; e quando ainda se podia acreditar num projeto de futuro e num projeto de sociedade. Na perspectiva de então, poderia caber a defesa de uma concepção de museu voltado para a participação social, como se a verdadeira questão da prática museológica fosse o modelo de museu, a representação do fenômeno - e não o modo como dele se apropriavam os diferentes grupos sociais.

A disseminação das novas tecnologias e a conseqüente revolução epistêmica acontecida nas três últimas décadas permitiu, a um grupo de teóricos do campo, compreender que a verdadeira essência do Museu é a mudança, é o movimento; e que o verdadeiro problema do Museu é o modo pelo qual os diferentes grupos de interesse dele se apropriam. Não existe, portanto, um modelo representacional de Museu que seja mais democrático, mais amplo e mais eficaz do que os outros; e nenhum deles é essencialmente ‘patrimonialista’ ou ‘social’. Tudo se resume às narrativas que sobre eles se constroem. Em 1993, González de Gómez já apontava para o fato de que, a partir do século 19,

o sujeito perderá toda força explicativa – não só na esfera do conhecimento, mas também enquanto agente de ações e transformações sociais. O estruturalismo, os novos estudos da semiótica e as epistemologias sem sujeito constituem as novas premissas do conhecimento e de sua possibilidade de objetividade (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M.N., 1993, p. 220).

Neste contexto florescem, sob influencia de Pierce e Saussure, as filosofias da linguagem; o signo é consagrado como foco central do pensamento, como "solo do conhecimento do real" - sendo comunicação e conhecimento percebidos como "acontecimentos no interior do signo" (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M.N., 1993); e a língua, como a "estrutura de relações objetivas que torna possível a produção do discurso e sua decifração" (BOURDIEU, apud González de Gómez, 1993)<sup>192</sup>. Fica assim relativizada a idéia dos museus centrados em objetos, que se oporiam aos museus centrados em comunidades - pois em nosso entender, todas as representações do fenômeno Museu se articulam a partir e

---

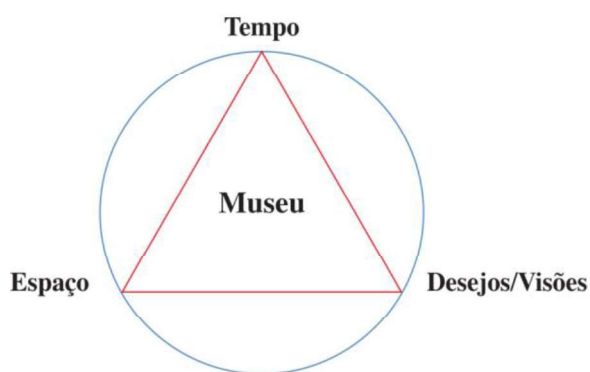
<sup>192</sup> Gómez lembra a ênfase dada no contemporâneo ao produto do conhecimento e ao conhecimento objetivado, fundamentada em parte nas ideias de Popper. O domínio do signo passaria a agregar as práticas dos muitos sujeitos e campos do saber, dando à representação do conhecimento um lugar central; e, às novas tecnologias, o papel de reordenar, em novos planos, a ordem do discurso. As linguagens passaram a homologar, via interpretação "todas as tradições disciplinares e técnicas em torno da representação [...] e seus suportes ou registros" (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1993).

em torno das narrativas de mundo de determinados indivíduos e/ou grupos sociais. Partindo da idéia de um Museu em movimento, em continuada construção, pode-se melhor compreender e aceitar a prática dita ‘museológica’ como prática social: como tal, ela sempre se dará na relação interpessoal e/ou intergrupar.

...E que dizer dos objetos materiais (frequentemente denominados 'bens culturais móveis'), tão equivocadamente celebrados como o centro da prática museológica? Ora, eles são o que são: objetos. Museus se realizam no encontro entre pessoas - podendo ou não utilizar objetos materiais como elementos de mediação, como ferramentas que exemplificam seus movimentos de fala. Imaginar que objetos materiais possam ser o centro dos museus e da Museologia é desconhecer (ou desprezar) a existência das manifestações não instituídas de Museu (o museu interior, o museu global, e mesmo o museu virtual/digital); é minimizar a importância dos museus de território, que mediam suas narrativas de mundo a partir do espaço geográfico, dos registros da natureza e das trocas culturais; é também desconsiderar o fato de que objetos materiais existentes em alguns tipos de museus - reconhecidos como 'objetos musealizados', formando 'coleções' - ali estão para ocupar um lugar simbólico, um lugar de representação: mais que objetos, são signos. Nesta perspectiva, poderíamos dizer que todos os museus elaboram suas narrativas em torno de objetos - objetos simbólicos, dos quais fazem uso para exemplificar suas narrativas sobre o Real.

Nas três últimas décadas pode-se compreender a Museologia simultaneamente como lugar de pensamento e instância narrativa. Como lugar de pensamento, ela é produto de um exercício teórico amplo e consistente, onde cabem todas as interfaces possíveis com os diferentes modos, instaurados pela ciência, pela filosofia e pela arte, de pensar o Real. Nesta instância, é possível imaginar a possibilidade de uma dimensão ontológica do Museu - o Ser do Museu, aqui apreendido como parte da essência do Humano (SCHEINER, 1999, p. 160); ou projetar o pensamento na direção de um devir do Museu, ou *museu do devir*. Pode-se mesmo caminhar na direção de uma epistemologia da Museologia, aceitando o Museu na sua essência, como produto do pensamento. Já como instância narrativa, a Museologia opera no fluxo dos interdiscursos, num movimento incessante de autoconstrução e reconstrução de sentidos, tanto do ponto de vista estético como do ponto de vista terminológico e documental. Ela não se resume, portanto, a um conjunto de práticas, ainda que estas possam ter sido direta, ou exclusivamente desenvolvidas e/ou utilizadas em museus e pelos museus. Assim sendo, muito do que é percebido por alguns autores como ‘museologia’ se inscreve, na verdade, no âmbito da prática museográfica, não chegando a constituir-se como instância narrativa, ainda que possa contribuir para a geração dos discursos elaborados em e pelos museus.

Se cada museu se constrói e se alimenta das narrativas que faz de si mesmo, ou das narrativas que dele faz o corpo social, o mesmo se dá com a Museologia – que se autogera (ou regenera) a cada abordagem que dela se faz. A Museologia será, portanto, mais ou menos crítica na medida em que reflete os tempos e espaços de pensamento e as escalas de valores de cada grupo social. Como lugar de pensamento, é uma instância de reflexão sobre o Real, traduzida no exercício constante de pensar as diferentes dobras (ou nervuras) do Real que se nos apresentam (realidades), na sua complexa relação com as muitas manifestações do Museu; como instância narrativa, fará a abordagem do Real, em multiplicidade, numa perspectiva de cotidianidade – em sucessivos movimentos de identificação, análise e interpretação. A partir destas premissas, poderíamos afirmar que não existe Museologia que não seja crítica, assim como não existe museu que não seja social. O que existe são discursos elaborados em maior ou menor sintonia com as tendências epistêmicas, ideológicas e estéticas de cada tempo, espaço e/ou sociedade onde se configura e desenvolve cada museu. Cada museu é assim uma representação do seu tempo, do seu espaço geográfico e/ou simbólico, dos desejos e visões de mundo dos indivíduos e/ou grupos sociais envolvidos na sua criação e/ou manutenção. É a partir das interfaces entre esses elementos que cada museu desenvolve suas narrativas, conforme sugerido na figura a seguir (Fig. 01):



Alguns exemplos citados por autores da chamada Museologia Crítica serão, assim, exemplos que nos demonstram o quanto as narrativas dos museus (e sobre os museus) estão vinculadas a um aspecto já definido pela Teoria da Museologia, desde os seus primórdios, como necessário: a historicidade<sup>193</sup>. Mas deixam entrever também que a perspectiva historicista pode sobrepor-se à reflexão teórica, especialmente no caso dos autores de outros

---

<sup>193</sup> "When solving the problem of museology existence only some authors have given consideration to the proper historical development of museology". STRÁNSKÝ, Z. Z. Methodology of Museology and training of personnel: comments on standpoints. In ICOFOM STUDY SERIES – ISS 3. 1983. p. 16.

campos disciplinares, que tentam analisar o campo da Museologia sem conhecer devidamente este universo. Assim sendo, em vez de Museologia Crítica pode-se estar fazendo uma historiografia dos museus. Já outros autores farão a defesa de uma Museologia que se constrói essencialmente a partir da prática, o que nos leva a uma segunda instância de reflexão - sobre as idéias que estão subjacentes a determinados termos e conceitos utilizados (e até consagrados) pelo campo.

Um exemplo de como a questão pode ser bem abordada é o que ofereceu o filósofo Oscar Navarro em junho último, no âmbito do 37o. Simpósio Anual do Comitê Internacional de Museologia, o ICOFOM<sup>194</sup> - apresentando, em um simples quadro, as três dimensões que fundamentam o conhecimento teórico sobre o Museu e configuram a essência da matriz conceitual da Museologia como campo disciplinar: **a) a dimensão Ontológica** - o que existe? (pode gerar as seguintes questões: que Museu existe? que Museologia existe? o que existe é Museu, é Museologia?); **b) a dimensão Epistêmica** - como saber o que existe? (a partir do signo, do índice, da evidência, da representação); **c) a dimensão Metodológica** - como validamos o conhecimento sobre o que existe? Naturalmente, entre essas três dimensões articula-se o conhecimento - organizado, no campo, sob a forma de padrões de raciocínio que derivam, por um lado, em proposições teóricas; por outro, em diretrizes metodológicas. E como instância de passagem, entre os dois extremos está o desenvolvimento de uma linguagem de especialidade, que fará o movimento de união entre todas as partes, articulando e consolidando a geração e as atribuições de sentidos. Navarro lembra ainda (*apud* MONTPETIT, 1995<sup>195</sup>) que a estrutura retórica do discurso museológico é determinada por diferentes lógicas, presentes em cada museu: a lógica da pesquisa e da disseminação do conhecimento; a lógica da ostentação; a lógica da apropriação; a lógica da dominação; e a lógica da comunicação. Esta é uma base digna para repensarmos os processos de conceptualização no campo da Museologia, a sua derivação no engendramento de termos e a conseqüente articulação da chamada 'linguagem museológica', como linguagem de especialidade.

---

<sup>194</sup> NAVARRO, O. The Epistemological gaze of museums: the Latin American Museology and the politics of the museological institutions. [inédito]. ICOFOM 2014, Paris, França, 5 a 9 de junho de 2014.

<sup>195</sup> MONTPETIT, Raymond. Museums and Knowledge: Sharing Awareness, Addressing Desire. In: **Canadian Association of Museums**. Museums: Where Knowledge is Shared. Québec: Canadian Association of Museums, 1995.

## 2 TERMOS E CONCEITOS COMO REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DO PENSAMENTO DITO 'MUSEOLÓGICO'

A formação e constituição de um campo disciplinar é permeada, como sabemos, por movimentos de geração e desenvolvimento de uma (ou várias) linguagem(ns) de especialidade, que sintetize(m) e represente(m), no âmbito discursivo, os movimentos simbólicos no interior do campo, bem como as suas relações com os demais saberes e disciplinas. São as linguagens de especialidade que organizam, no interior do campo e nas suas interfaces externas, as estruturas e movimentos simbólicos que o definem como tal. Identificar, reconhecer e organizar sentidos são, portanto, movimentos constitutivos de qualquer instância do conhecimento que deseje estruturar-se como campo. Neste processo, é fundamental identificar, analisar e organizar os conceitos-chave em torno dos quais se articula aquela instância do conhecimento; e conhecer os termos básicos que representam, no seu âmbito, as matrizes sógnicas.

Isto é o que vem fazendo a Museologia há praticamente cinco décadas, com o desenvolvimento de estudos terminológicos, tesouros e dicionários, entre os quais se destacaram os glossários de termos técnicos elaborados pelas associações de museus de diferentes países; e o trabalho realizado por profissionais de museus de várias nacionalidades a partir dos anos 1970, quando

vários grupos de especialistas vinculados ao ICOM, interessados em atender às recomendações da Organização, debruçaram-se sobre os termos e conceitos da Museologia, analisando-lhes os fundamentos ontológicos e as situações de uso. Em sua maior parte vinculados aos comitês internacionais de Documentação (CIDOC, estabelecido ainda nos anos 1950), Formação de Pessoal para Museus (ICTOP, fundado em 1968) e Museologia (ICOFOM, iniciado em 1977), esses especialistas buscavam apresentar à comunidade internacional de estudiosos do patrimônio um conjunto de padrões e normas operacionais que tornasse possível desenvolver, para os museus e a Museologia, uma linguagem comum. Tais esforços resultaram na organização de uma série de glossários, alguns deles vinculados ao ICOM, abrangendo algumas centenas de termos técnicos, em diferentes idiomas: em 1974, foi elaborado um glossário em russo, com 211 termos; em 1975, outro glossário enumerava 300 termos em alemão; outro, ainda, editado em 1978, apresentava 400 termos em idioma tcheco (SCHEINER, 2008, p. 2014-216).

Outro produto desta compilação foi o *Dictionarium Museologicum*, aprovado por uma resolução da Conferência Geral de Museus, (Nova Iorque, 1965) e desenvolvido no ICOM ao longo de duas décadas, com o objetivo de esclarecer problemas conceituais, reduzindo as

---

<sup>196</sup> Cabe lembrar aqui que projetos similares foram também desenvolvidos no âmbito da UNESCO, resultando em *thesauri* relativos a determinados aspectos do campo museológico e patrimonial.

ambigüidades – especialmente nos trabalhos teóricos do campo<sup>197</sup>. É notório que este projeto apresentou, desde o início, dificuldades e equívocos incontornáveis, como a questão da língua escolhida para a sua elaboração (o húngaro), com traduções para o alemão, o inglês e o francês, feitas por especialistas não nativos nesses idiomas; numa segunda versão, publicada em 1979, foi usado como base o léxico alemão (ver SCHEINER, 2008), com traduções para o inglês e o francês; e na terceira, lançada em 1981, foram usados também o dinamarquês, o espanhol, o romeno e o croata. Finalmente, em 1986, foi publicada uma versão do *Dictionarium* com 774 páginas de termos, em 20 línguas diferentes.

A dificuldade de indicar as correspondências de sentidos entre os diferentes termos, nas línguas trabalhadas, alertou os autores para a necessidade de buscar correspondências não só entre os sentidos atribuídos aos termos nas diversas línguas, mas também entre termos, e entre estes e seus correlatos e derivados, no âmbito do mesmo idioma - em países/grupos que utilizam a mesma língua (francófonos, anglófonos, países de língua portuguesa, de língua espanhola, etc.), bem como analisar as relações cruzadas entre idiomas com as mesmas raízes. Não por acaso, o projeto seguinte a este, *Termos e Conceitos da Museologia (Terms and Concepts of Museology)*, iniciado em 1993 pelo ICOFOM, resultou num trabalho sistemático de investigação terminológica nas três línguas oficiais do ICOM - o inglês, o francês e o espanhol; e dentro deste, a pesquisa que derivou no Dicionário Enciclopédico de Museologia (*Dictionnaire Encyclopédique de Museologie*), publicado em 2011, privilegiou o idioma francês.

Aqui, partiu-se da premissa de que seria praticamente impossível realizar uma obra multilíngüe que respeitasse, com precisão, os significados e as correspondências de sentidos em cada idioma. Pois, como lembra Gisele Rosa,

No discurso traduzido é possível identificar e discutir a variação conceptual que cada cultura pode apresentar pelo levantamento dos subconjuntos do processo de cognição, ou conceptualização, isto é, o arquiconceptus, o metaconceptus e o metametaconceptus. Os valores de uma sociedade decorrentes de sua visão de mundo estão presentes no discurso, sendo este formado por seus membros e cabe aos pesquisadores lexicólogos distinguir os elementos que pertencem à cognição específica e às cognições compartilhadas, ou seja, o que nos aproxima culturalmente em termos de 'conceptualização comum' e o que nos difere na 'conceptualização específica' (BARBOSA, 2009, p.4, *apud* ROSA, 2011, p. 25).

---

<sup>197</sup> Lembremos que "A necessidade de identificar e definir termos próprios da Museologia já se vinha fazendo presente desde os primeiros anos de existência do ICOM, quando, para precisar sua essência e objetivos, a jovem Organização necessitou definir o que seria "museu": árdua tarefa, que até os dias atuais vem mobilizando sucessivas levadas de especialistas" (SCHEINER, 2008).



Em artigos recentes sobre o engendramento de conceitos em linguagens de especialidade, Maria Aparecida Barbosa examina alguns aspectos relevantes dos níveis conceitual e terminológico, bem como as relações de sentido desenvolvidas no âmbito desses processos, dando especial ênfase às diferenças conceituais e metodológicas entre conceito e definição, e ressaltando a importância da análise de 'constructos do primeiro nível' - arquiconceito, metaconceito, metametaconceito (BARBOSA, 2011, p.61-62). Esta articulação entre a semântica cognitiva e a semântica lingüística é um ponto basilar para os estudos de terminologia, tendo em vista que é na instancia discursiva

que se produz a cognição e a semiose, se instaura a conceptualização de um 'fato', se engendra um conceito e sua manifestação lingüística. É no discurso manifestado, pois, que se presentificam os traços conceptuais, num procedimento de codificação; e é dele que se extraem, num procedimento de investigação, esses mesmos traços (BARBOSA, 2011, p.61-62).

Para Barbosa, "alguns contextos de manifestação do conceito privilegiam o conceito *stricto sensu*, outros, o metaconceito e, outros, enfim, o metametaconceito, sempre numa relação dialética de presentificação dos traços já existentes no sistema e a incorporação de novos traços decorrentes das circunstâncias específicas da enunciação e do enunciado em causa" (BARBOSA, 2011). Seria então necessário estabelecer, para cada caso, um "metamodelo de universo de discurso (...) definido como um conjunto não-finito ou que tende *ad infinitum*, de todos os discursos manifestados que apresentam determinadas características e constantes, assim como determinadas coerções, suscetíveis de configurar uma norma" - que configura um conjunto de critérios de equivalência em torno dos quais se reúnem os discursos manifestados (PAIS, 1984, p.44-45, *apud* BARBOSA, 2011). O modo de engendramento de cada conceito estaria, pois, em função do universo do discurso.

Quais seriam esses processos, nas narrativas elaboradas em museus, por museus e sobre os museus, no âmbito do que se poderia reconhecer como 'discurso museológico'? Ora, seriam processos gerados na maior complexidade: se, como apontado por Barbosa, "no discurso científico, sujeito e anti-sujeito correspondem freqüentemente a interlocutores; e se no discurso literário, sujeito e anti-sujeito são instalados no texto pelo autor" (BARBOSA, 2011, p.61-62)<sup>198</sup>, veremos que o discurso dito 'museológico' articula elementos do universo

---

<sup>198</sup> Barbosa continua: No discurso científico/tecnológico, o engendramento de um conceito geralmente se dá em relações intertextuais/interdiscursivas de vários pesquisadores, simultaneamente à formulação da teoria que o contém; no discurso literário, uma obra pode ser auto-suficiente, no engendramento de um conceito, numa intertextualidade intra e interdiscursiva. No discurso técnico-científico, teórico e/ou prático, assim como no discurso literário, o engendramento do conceito é sintagmático, narrativo, transfrástico; no discurso terminológico, é

científico/filosófico (teoria museológica), do universo científico/tecnológico (terminologia técnica, ligada às funções dos museus instituídos), do discurso literário (interpretação) - e que todos esses aspectos se entrecruzam aos 'discursos não lingüísticos', que fazem uso do universo sógnico da filosofia e da arte; e ainda se redimensionam frente às ressonâncias de cada narrativa junto ao corpo social. São múltiplos os sujeitos enunciadore e múltiplas as camadas discursivas, todos eles em constante deslocamento, em constante rearticulação.

Trabalhar uma terminologia da Museologia é, portanto, considerável empreitada, que exige do pesquisador não apenas dedicação e trabalho intenso e sistemático, mas também o desenho de linhas de coerência entre os citados universos. A identificação de arquiconceitos é, aqui, um passo fundamental e absolutamente necessário, se levarmos em conta que

o conceito, enquanto 'modelo mental' ou (...) conceptualização de uma experiência, funciona como um arquiconceito temático que orienta a tematização em diferentes discursos verbais, não-verbais e sincréticos, no interior de determinada cultura ou no âmbito de várias culturas (BARBOSA, 2011, p.61-62).

Este seria o caso, na Museologia, dos conceitos sobre os quais se engendraram os termos PATRIMÔNIO, MUSEOLOGIA e MUSEU - em torno dos quais se articula grande parte das narrativas do campo. Tomados como fundamento, esses conceitos permitem incontáveis desdobramentos, tanto a nível teórico - engendrando metaconceitos e meta-metaconceitos geradores de termos tais como *museal*, *museístico*, *musealidade*, *musealização* - como a nível técnico e operacional, gerando metaconceitos e os conseqüentes termos, tais como *museografia*, *expografia*, *exposição* e similares.

É deste incomensurável universo de possibilidades que se alimentam, hoje, as pesquisas que se desenvolvem nesse âmbito, entre as quais se destaca o projeto Termos e Conceitos da Museologia, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro. O projeto tem o objetivo de discutir a terminologia aplicada pelo campo museológico, visando proporcionar domínio comunicacional, conceitual e prático, no campo - procedimento fundamental para a sua consolidação. Dividido em projetos docentes e em subprojetos discentes que abrangem do nível da iniciação científica ao doutorado, vem apresentando um conjunto de resultados que muito tem contribuído para a consolidação do campo, em âmbito global - e para a sua

compreensão, no âmbito brasileiro. Num dos seus segmentos<sup>199</sup> o projeto desenvolveu, entre 2005 e 2012, o levantamento e análise de termos e conceitos utilizados pela literatura do campo, privilegiando os termos Museu / Museologia / Exposição. A metodologia de pesquisa incluiu: a) o levantamento desses termos em obras especializadas do próprio campo, publicadas entre 1970 e 2011, bem como outras obras de caráter teórico-filosófico, conceitualmente próximas à Museologia; b) a indexação dos termos presentes nos textos, em ficha criada especificamente para o projeto, com um total de dez campos, a saber: termo; definição; equivalentes; exemplo; derivados; correlatos; fonte pesquisada; palavras-chave; resumo; comentários; c) a análise comparativa entre significantes e seus significados, apontando convergências ou divergências semânticas entre os termos pesquisados e enquadrando-os dentro de grupamentos semânticos. Entre 2011 e 2013, o trabalho incluiu ainda - d) a investigação de significados em diferentes idiomas para cada termo pesquisado, buscando identificar possíveis processos de fertilização interdisciplinar.

Tomemos como exemplo o termo *Exposição* - em nosso entender, um termo gerado a partir de um metaconceito do arquiconceito MUSEU. Figurando entre os termos básicos do campo da Museologia, "o substantivo *Exposição* é recorrente na literatura produzida sobre os museus"(CARVALHO, F., MALDONADO, L., SCHEINER, T., 2014), podendo estar ligado à própria gênese do Museu e de seus processos - especialmente os processos comunicacionais por meio dos quais se desenvolvem as narrativas dos museus. "Juntamente com outros substantivos como *museu, museologia, coleção, patrimônio*", integra "um vocabulário ou linguagem pertencente ao domínio da Museologia"(CARVALHO, F., MALDONADO, L., SCHEINER, T., 2014). A pesquisa lembra que o termo *Exposição*, advindo do termo latino *expositio* (comunicação, explicação), pode ser entendido, no contexto da Museologia, enquanto "[...] resultado da ação de expor, assim como o conjunto de objetos expostos ou ainda enquanto o lugar onde se expõe [...]"(DESVALLÉES, A., MAIRESSE, F., 2010, p...), permitindo identificar três diferentes significados para o termo: a) resultado da ação de expor; b) conjunto de elementos (ou objetos) expostos; c) lugar onde se expõe.

Estes três significados articulam definições claramente identificáveis na literatura do campo. Se a eles forem agregados os sentidos dados para o termo *Exposição*, apresentados pelo núcleo internacional de pesquisa Terminologia da Museologia, dirigido por Desvallées (comunicação, explanação, explicação) ter-se-á um quadro de quatro definições ou conceitos

---

<sup>199</sup> O projeto "Análise de Termos Relativos aos Fundamentos da Museologia", coordenado pela Profa. Dra. Tereza Scheiner, com subprojeto do mesmo título, desenvolvido com apoio dos bolsistas IC/UNIRIO Felipe P. R. Farias (2005-2007); IC/PIBIC Tamine G. de Andrade (2008-2010) e Felipe Carvalho (2011- 2013); e IC/UNIRIO Luiza Maldonado (2013-2014).

para o termo, no contexto museal. Partindo deste movimento, identificou-se quatro grupamentos semânticos para o termo e buscou-se a sua relação de sentidos, em diferentes contextos de aplicação, na produção teórica do campo. A partir de uma amostra de 96 termos indexados em 5 livros<sup>200</sup> e capítulos de livros sobre Museologia, elaborou-se um conjunto de quadros, relacionando os termos indexados aos quatro grupamentos semânticos, conforme segue (CARVALHO, F., In: CARVALHO, F., MALDONADO, L., SCHEINER, T., 2014).:

#### I - Grupamento Semântico A: EXPOSIÇÃO enquanto explicação/ comunicação

Aqui o termo está em sua acepção mais original: explanação/ explicação sobre algo, como no exemplo: “Exposição é uma [forma de] comunicação interativa proposta com a intenção de estimular o conhecimento, experimentos e flexibilidade da imaginação” (STEFANOU, H.; MARCONI, G., 1991, p.64).

#### II – Grupamento Semântico B: EXPOSIÇÃO enquanto lugar onde se expõe

Neste contexto, o sentido do termo remete aos locais onde são feitas exposições. Nas definições pesquisadas, nenhum termo apresentou como significado somente essa acepção. Ex: "Ação de expor, resultado desta ação. Ação de colocar à vista, vitrine, exposição, mostra, apresentação. Apresentação pública, junto com o que é exposto; *lugar, local onde é exposto*. Figurativamente: ação de sensibilização, de explica, de explicação, expor, narração, história. Argumento, proposta"<sup>201</sup>.

#### III – Grupamento Semântico C: EXPOSIÇÃO como uma das funções principais do museu

Aqui, o termo apresenta-se ligado estritamente ao museu, significando uma função específica inerente ao mesmo. Exemplo nas definições pesquisadas:

Exposições são uma janela que o museu abre para a sociedade - uma janela que mostra o resultado de tudo o que ocorre no seu interior. Podem ser também uma ponte, um elo de ligação e entendimento entre as coisas criadas pela Natureza e pelo Homem e o modo como tais coisas são interpretadas pelos museus. Exposições são o espelho e a síntese dos caminhos que o Homem vem trilhando, na marcha da Evolução (SCHEINER, 1991, p. 109).

#### IV – Grupamento Semântico D: EXPOSIÇÃO enquanto conjunto de coisas expostas

Neste contexto, o termo apresenta acepção ligada ao objeto, aqui entendido na sua concepção mais ampla. Assim, refere-se aos objetos expostos, como no exemplo a seguir:

---

<sup>200</sup> ISS 17, ISS 19 e 20, ISS 26 e ISS 35 (escolhidos pela proximidade do tema com as exposições em museus)

<sup>201</sup> MUSEOGRAFIA E EXPOGRAFIA. In: **Terminologia Museológica: Projeto Permanente de Pesquisa**. ICOFOM. cap. IV, p. 73-90. Maio, 2000, p. 82. Tradução nossa. Grifo nosso.

Uma exposição é uma composição artificial [...] um vasto conjunto de elementos usados de acordo com alguma estratégia. Uma exposição é o resultado de um processo de seleção e manipulação da informação emitida pelos itens do museu (VAN MENSCH, 1991, p. 11).

Como se pode ver, "foi possível enquadrar as definições ou conceitos apresentados na literatura do ICOFOM nos quatro grupamentos semânticos" (CARVALHO, F., MALDONADO, L., SCHEINER, T., 2014), propostos a partir da definição apresentada pelo núcleo internacional do projeto. A partir desses quatro grupos é possível, ainda, identificar o histórico de utilização do termo Exposição na literatura pesquisada, por incidência de uso dos termos e por grupo semântico - e também identificar os significados dos termos por ano e por nacionalidade do autor. Esta divisão em grupamentos semânticos permite ainda efetuar uma análise mais ampla dos contextos aos quais estão aplicados os termos - seja por ano de produção, ou por nacionalidade do autor, possibilitando assim analisar o histórico de possibilidades de utilização por idioma e realidade cultural. Os resultados a seguir (TABELAS 1 e 2) mostram o comportamento dos termos pesquisados nas suas diferentes realidades de aplicação, a partir da indexação efetuada sobre textos publicados entre 1990 e 2010.

TABELA 1: Percentual de uso do termo Exposição (incluindo correlatos e derivados) por grupamento semântico:

Sentido do Termo	%
Sentido A (explicação/comunicação)	45,0
Sentido B (lugar onde se expõe)	12,5
Sentido C (uma das funções do museu)	32,5
Sentido D (conjunto de objetos expostos)	20,0
Outros Sentidos	17,5
Termos Polissêmicos	15,0

Total de termos pesquisados: 40. Fonte: CARVALHO, F.

TABELA 2: Percentual de uso dos termos (excluindo correlatos e derivados) por grupamento semântico:

Sentido do Termo	%
Sentido A (explicação/comunicação)	51,6
Sentido B (lugar onde se expõe)	6,4
Sentido C (uma das funções do museu)	32,2
Sentido D (conjunto de objetos expostos)	29,0
Outros Sentidos	9,6
Termos Polissêmicos	16,1

Total de termos pesquisados: 31. Fonte: CARVALHO, F.

A análise das TABELAS 1 e 2 indica que o termo *Exposição*, no recorte relacionado aos textos indexados, é utilizado na maioria das vezes (51,6%) em seu significado original (grupamento semântico A), estando seu conceito relacionado à comunicação e/ou explanação sobre algo. O grupamento semântico B (lugar onde se expõe) é o menos utilizado na literatura verificada, correspondendo a apenas 6,4% das utilizações. Dentre todos os termos pesquisados, 16,1% podem ser considerados termos polissêmicos, ou seja, termos com mais de um grupamento semântico presente em seu conceito ou significado. Foi ainda possível identificar como o termo *Exposição* e seus correlatos e derivados têm sido aplicados na literatura do campo, ao longo dos anos, como apresentado nas TABELAS 3 e 4, a seguir:

TABELA 3: Número de significados dos termos (incluindo correlatos e derivados) por grupamento semântico, por ano

	Sentido A (explicação/ comunicação)	Sentido B (lugar onde se expõe)	Sentido C (uma das funções do museu)	Sentido D (conjunto de objetos expostos)
1990	0	0	1	0
1991	11	0	8	8
1996	1	0	0	0
2000	3	4	0	0
2005	2	0	0	0
2010	1	1	3	1

Total de termos pesquisados: 40. Fonte: CARVALHO, F.

TABELA 4: Número de significados dos termos (excluindo correlatos e derivados) por grupamento semântico, por ano

	Sentido A (explicação/ comunicação)	Sentido B (lugar onde se expõe)	Sentido C (uma das funções do museu)	Sentido D (conjunto de objetos expostos)
1990	0	0	1	0
1991	11	0	8	8
1996	1	0	0	0
2000	1	1	0	0
2005	2	0	0	0
2010	1	1	1	1

Total de termos pesquisados: 31. Fonte: CARVALHO, F.

Aqui, pode-se observar que o grupamento semântico B só aparece nas fontes pesquisadas a partir do ano 2000. Percebe-se ainda uma pluralidade de sentidos referente ao ano de 2010 - devido, talvez, à publicação, já mencionada, do glossário “Conceitos Chaves de Museologia”, contendo indexados os termos básicos relacionados à Museologia. Já a

pluralidade de significados identificada no ano de 1991 explica-se pela publicação dos documentos de trabalho do 19o Simpósio Anual do ICOFOM em Vevey, Suíça, intitulado “A linguagem da exposição”. Outro processo passível de verificação é a aplicação dos distintos grupamentos semânticos relacionados à nacionalidade dos autores e, conseqüentemente, ao idioma original no qual são utilizados os termos, como apresentado nas Tabelas 5 e 6, a seguir:

TABELA 5: Significado dos termos (incluindo correlatos e derivados) por grupamento semântico, de acordo com a nacionalidade dos autores:

	<b>Sentido A</b> (explicação/ comunicação)	<b>Sentido B</b> (lugar onde se expõe)	<b>Sentido C</b> (uma das funções do museu)	<b>Sentido D</b> (conjunto de obj. expostos)
<b>Argentina</b>	2	0	0	1
<b>Brasil</b>	1	0	2	1
<b>Canadá</b>	1	0	0	0
<b>EUA</b>	1	0	0	0
<b>França</b>	6	5	4	1
<b>Grécia</b>	1	0	0	0
<b>Hungria</b>	0	0	1	0
<b>Índia</b>	1	0	1	1
<b>Israel</b>	0	0	1	0
<b>Iugoslávia</b>	1	0	1	2
<b>Polônia</b>	1	0	0	0
<b>Rep. do Mali</b>	0	0	1	0
<b>Suécia</b>	1	0	0	1
<b>Suíça</b>	1	0	0	1
<b>Tchecoslováquia</b>	1	0	0	0
<b>Zâmbia</b>	0	0	1	1

Total de termos pesquisados: 40. Fonte: CARVALHO, F.

TABELA 6: Significados dos termos (excluindo correlatos e derivados) por grupamento semântico, de acordo com a nacionalidade dos autores das definições:<sup>202</sup>

	<b>Sentido A</b> (explicação/ comunicação)	<b>Sentido B</b> (lugar onde se expõe)	<b>Sentido C</b> (uma das funções do museu)	<b>Sentido D</b> (conjunto de obj. expostos)
<b>Argentina</b>	2	0	0	1
<b>Brasil</b>	1	0	2	1
<b>Canadá</b>	1	0	0	0
<b>EUA</b>	1	0	0	0
<b>França</b>	4	2	2	1
<b>Grécia</b>	1	0	0	0

<sup>202</sup> Ainda sobre a nacionalidade dos autores dos textos indexados, excluídos os correlatos e derivados, o grupamento semântico A aparece nas 16 nacionalidades; já o grupamento B está presente apenas entre os autores franceses. Os grupamentos semânticos C e D são usuais em diversos países, mas apresentam características peculiares entre os autores brasileiros, entre os quais prevalecem os sentidos do grupamento C; e entre os autores Iugoslavos, com maior frequência de significados do grupamento D, retirando-se, em ambos os casos, a liderança histórica do grupamento semântico A. A pluralidade de sentidos relativas ao uso dos termos por autores franceses pode ser mais uma vez explicado pela publicação do glossário *Conceitos Chave de Museologia*, lançado em 2010.

<b>Hungria</b>	0	0	1	0
<b>Índia</b>	1	0	1	1
<b>Israel</b>	0	0	1	0
<b>Iugoslávia</b>	1	0	1	2
<b>Polônia</b>	1	0	0	0
<b>Rep. do Mali</b>	0	0	1	0
<b>Suécia</b>	1	0	0	1
<b>Suíça</b>	1	0	0	1
<b>Tchecoslováquia</b>	1	0	0	0
<b>Zâmbia</b>	0	0	1	1

Total de termos pesquisados: 31. Fonte: CARVALHO, F.

O resultado da classificação destes termos/conceitos fornece indicadores interessantes sobre a produção acadêmica do campo e sobre a realidade de aplicação do termo estudado. Reflete, ainda, aspectos do desenvolvimento da linguagem de especialidade da Museologia nos anos pesquisados<sup>203</sup>, no âmbito do Comitê Internacional de Museologia do ICOM - o ICOFOM - reforçando a idéia de que a elaboração de um conceito, no nível semântico-cognitivo, resulta sempre de um trabalho coletivo, no qual se reflete a captura e/ou reconstrução do imaginário de um dado grupo social. Entretanto, para uma análise mais apurada, ainda se faz necessária a indexação de maior quantidade de termos presentes em textos de diferentes anos e de autores de nacionalidades distintas, para que se possa rastrear a aplicação dos termos com seus distintos conceitos na literatura do campo. Os resultados aqui apresentados estão relacionados ao termo *Exposição*, conforme utilizado em obras do campo no período de 1990 a 2010. E irão certamente se modificar com o acréscimo de novos dados, resultantes de futuras investigações.

Outra abordagem do mesmo projeto desenvolve-se desde 2013, desta vez focalizando a produção científica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. Numa primeira etapa, estão sendo analisadas as dissertações de Mestrado já defendidas no Programa. "A inclusão de tais fontes vem atender à necessidade de identificação e análise das aplicações e usos da terminologia de base do campo da Museologia, demanda esta que vem se conformando desde as primeiras dissertações apresentadas, em 2008" (MALDONADO,

---

<sup>203</sup> O uso do termo *Exposição* relaciona-se especialmente ao grupamento A (incidência de 51%). Os sentidos C e D tem, cada um, 20%. O sentido B é o menos utilizado - e, no período pesquisado (1990 - 2010), só aparece a partir de 2000. A pluralidade de sentidos para os termos pesquisados a partir de 2010 tem clara relação com as publicações do núcleo internacional do projeto *Termos e Conceitos da Museologia* e com a identificação, por este núcleo, dos 4 grupos semânticos. Isto explica ainda a pluralidade de sentidos ligada à nacionalidade dos autores, concedendo à França (sede do projeto) maior incidência de usos do termo e seus derivados e correlatos. O sentido A aparece em autores das 16 nacionalidades; o sentido B, apenas na produção francesa. Os sentidos C e D são usuais em vários países; no Brasil, o sentido C é o que prevalece; na Iugoslávia, o sentido D é o mais recorrente.



Luiza. In: CARVALHO, F., MALDONADO, L., SCHEINER). A escolha das dissertações a serem analisadas considerou, inicialmente, a cronologia das produções no período de 2008 a 2012, bem como a proximidade temática com a própria pesquisa. Foram escolhidas para a primeira etapa desta análise as dissertações da Linha 01 do Programa (Museu e Museologia), que perfazem o total de 32 dissertações defendidas no período abrangido pela pesquisa. Na impossibilidade de trabalhar simultaneamente com todo este universo, escolheu-se para o período 2013-2014 um grupo de dissertações diretamente vinculadas à discussão de conceitos básicos do campo, elaboradas e defendidas por mestrandos graduados em Museologia<sup>204</sup>.

Até o momento foram analisados os conteúdos das seguintes dissertações: Bruno Brulon - Quando o Museu abre portas e janelas. O reencontro com o humano no Museu contemporâneo; Luciana Menezes de Carvalho - Em direção à Museologia latino-americana: o papel do ICOFOM LAM no fortalecimento da Museologia como campo disciplinar; Anaildo Bernardo Baraçal - O objeto da museologia: a via conceitual aberta por Zbynek Zbylsav Stránský; e Monique Magaldi - Navegando no museu virtual. Um olhar sobre formas criativas de manifestação do fenômeno Museu. A metodologia adotada para a investigação dos termos básicos Museu, Museologia e Patrimônio incluiu a leitura das dissertações; a identificação dos termos e seus derivados e correlatos; a indexação dos verbetes nos diferentes conceitos atribuídos e a análise comparativa do conteúdo levantado - fazendo-se uso da mesma ficha básica já utilizada, desde 2005, no âmbito da pesquisa.

No decorrer dos estudos, verificou-se a necessidade de uma revisão da ficha de indexação (...), a fim de definir com mais precisão o uso dos dez campos de registro (...) - termo, definição, equivalentes, exemplo, derivados, correlatos, fonte de pesquisa, palavra-chave, resumo e comentários. Esta reavaliação demonstrou a exigência de conceituações do campo da lingüística, revelando-se (...) que seria adequada a inserção de outro espaço de dados no modelo formatado, referente a termos associados, para atender ao registro dos nomes próprios e/ou de representação institucional que, por relação cognitiva, vincule-se ao termo indexado no contexto da fonte analisada. Deste modo, a formatação final da ficha de indexação é composta de onze campos de registro de dados (MALDONADO, Luiza, 2014).

A pesquisa vem apresentando resultados reveladores, que mapeiam a intensa busca de definições para os termos chaves da Museologia. Neste grupo de textos, a ênfase é dada aos termos Museu e Museologia e às questões relativas ao Objeto da Museologia e ao Museu

---

<sup>204</sup> O recorte foi intencional, privilegiando autores que já tinham formação e produção dentro do campo e cujas dissertações utilizaram como fundamento idéias de autores do ICOFOM. A identificação de ressonâncias da produção teórica do campo na produção do PPG-PMUS torna mais nítida a relação entre os termos e conceitos trabalhados nos dois momentos da pesquisa. Cabe acrescentar que nesta fase da pesquisa o subprojeto discente recebeu o prêmio de melhor trabalho de Museologia, na 13a. Jornada de Iniciação Científica da UNIRIO (agosto 2014).

Virtual. A diversidade de derivados e correlatos dos termos fundamentais demonstra a pluralidade de opções no uso de terminologias que estruturam as discussões conceituais sobre o campo. Na atual fase do projeto - e realizada a leitura de mais de 600 páginas, foram elaboradas 40 fichas de indexação, chegando-se a produzir um total aproximado de 200 páginas referentes a estes resultados. A tarefa mais difícil - e mais produtiva - vem sendo o levantamento de correlatos aos termos fundamentais, com um quantitativo de aproximadamente 400 vocábulos simples e expressões, incidindo com frequência nos textos.

Considerando os resultados já obtidos nesta nova fase da pesquisa e o potencial que indicam, "aponta-se a emergência da adoção de método de codificação de dados em sistema de computação, de forma a permitir melhor ambiente e maior objetividade na etapa de análise comparativa dos conteúdos levantados"(MALDONADO, Luiza. In: CARVALHO, F., MALDONADO, L., SCHEINER, T., 2014). Assim sendo, o subprojeto, inicialmente desenvolvido com o concurso de uma bolsista de IC/PIBIC, deverá ter agora o aporte de uma bolsista DS-CAPES de Mestrado<sup>205</sup> no desenvolvimento dos trabalhos de codificação.

### 3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As investigações, em língua portuguesa, sobre a linguagem de especialidade do campo da Museologia refletem o espaço de importância que a teoria acadêmica brasileira vem ganhando, em processo crescente de qualidade de teorização e diversidade de temas, revelando as particularidades idiomáticas que desenham universos semânticos próprios às culturas que expressam.

Este pensar sobre os processos lingüísticos e terminológicos que se configuram na teoria e na prática da área, convergências e divergências constitutivas de um campo de conhecimento vivo e compositivas da grande malha comunicacional, permite a percepção do que se define em novas tendências de entendimentos e sentidos a orientar as transformações sociais, e cumpre seu papel dialógico de ser ferramental à disposição do pesquisador, o humano na experiência com o mundo, finalidade maior do estudo científico (MALDONADO, Luiza, 2014).

No campo da Museologia, a análise sistemática do universo e da frequência de uso de termos vem revelando as riquezas do "processo de conversão do conceito lato sensu em unidade lexical" (BARBOSA, 2011), com a transformação de arquiconceitos e metaconceitos como *Museu* e *Museologia* em "semas lingüísticos" e campos lexicais de caráter polissêmico. O estudo dos campos semânticos em que se inserem os termos chave da Museologia permite

---

<sup>205</sup> Karina Muniz Viana, bolsista DS-CAPES (Mestrado). No momento analisa, junto com a professora orientadora (T. Scheiner) e a ex-bolsista Luiza Maldonado a viabilidade de inserção dos dados da pesquisa na base *Pergamon*.

verificar as linhas de interface sobre as quais se articulam as narrativas dos museus, tornando possível identificar os cruzamentos semânticos que se verificam entre os nodos estruturais que fundamentam os discursos do campo museal: Museu e Realidade, Museu e Sociedade, Museu e Informação, Museu e Patrimônio, Museu e Criação<sup>206</sup>.

Esta é, hoje, a nossa tarefa.

## REFERENCIAS

ARAUJO, Carlos Alberto Ávila. O Pensamento Crítico na Arquivologia, na Biblioteconomia e na Museologia. In: **InCID**. Revista da Ciência da Informação e Documentação. Ribeirão Preto, v. 5, n. 1, p. 27-46, mar/ago. 2014.

BARBOSA, Maria Aparecida. O Engendramento de Conceitos em Linguagens de Especialidade, em Discursos Literários e em Discursos Sociais Não-literários. In: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7\(22\)06.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(22)06.htm). Acessado em 28.07.2014.

BARBOSA, Maria Aparecida. A construção de conceitos nos discursos técnico-científicos, nos discursos literários e não-e nos discursos sociais não literários. *Revista Filologia*, v. 16 - ANO 35, n.1, - p. 61-96, 2011.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. A representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993.

CARVALHO, Felipe, MALDONADO, Luiza, SCHEINER, Tereza. Relatório de Pesquisa. Termos e Conceitos da Museologia. Subprojeto *Análise de termos relativos aos fundamentos da Museologia, 2013-2014*. RJ, UNIRIO, junho de 2014.

NAVARRO, Oscar. The Epistemological gaze of museums: the Latin American Museology and the politics of the museological institutions [texto inédito] - apresentado no 37o. Simpósio Anual do Comitê Internacional de Museologia do ICOM, ICOFOM 2014, Paris, França, 5 a 9 de junho de 2014.

ROSA, Gisele Marion. A Multiconceptualização do Mundo: uma breve reflexão a partir da função do *arquiconceptus* no discurso literário traduzido. Revista **Lúmen et Virtus**, v. IV n. 9, p. 25-33, set. 2013,.

SCHEINER, Tereza. As Bases Ontológicas do Museu e da Museologia / The Ontological Bases of the Museum and of Museology. In: XXI Annual Conference of the International Committee for Museology - ICOFOM/ International Council of Museums (ICOM), 1999, Coro, Venezuela. **Museology and Philosophy. ICOFOM STUDY SERIES**. Munique: Museums Pädagogisches Zentrum München, 1999. v. 31. p. 126-173.

SCHEINER, Tereza. Musée et Muséologie – définitions en cours. In: MAIRESSE, François, DESVALLÈS, André; VAN PRAET, Michel. (Org.). **Vers une redéfinition du musée?** Paris, França: L'Harmattan, 2007, p. 147-165.

---

<sup>206</sup> SCHEINER, Tereza. Fundamentos Teóricos da Museologia e do Patrimônio. [inédito]

SCHEINER, Tereza. Museums and Exhibitions: appointments for a theory of feelings. In: XIII Annual Meeting of the International Committee on Museology - ICOFOM, 1991, Vevey, Suíça. **ICOFOM STUDY SERIES**. Vevey, Suisse: ICOM/ICOFOM - Alimentarium, 1991. v. 19. p. 109-113.

SCHEINER, Tereza. Termos e Conceitos da Museologia: contribuições para o desenvolvimento da Museologia como campo disciplinar. In: GRANATO, Marcus. (Org.). **MAST COLLOQUIA**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST, 2008, v. 10, p. 201-223.

STRÁNSKÝ, Z. Z. Methodology of Museology and training of personnel: comments on standpoints. In: [ANNUAL CONFERENCE OF THE INTERNATIONAL COMMITTEE FOR MUSEOLOGY/ICOFOM (5)]. London [UK]. July/juillet 1983. Coord. Vnoš Sofka. Joint Colloquium Methodology of Museology and professional training. **Symposium Museum, Territory, Society: new tendencies/new practices**. Addenda. Stockholm: ICOM, International Committee for the Training of Personnel/ICTOP and International Committee for Museology/ICOFOM; Museum of National Antiquities, Stockholm, Sweden. **ICOFOM STUDY SERIES – ISS 3**. 1983. p. 16.